

# O QUE ELES VEEM NO GOOGLE MAPS? – PRÁTICAS ESPACIAIS DE ESTUDANTES DO 8º ANO EM UMA AULA DE INFORMÁTICA

*WHAT THEY SEE ON GOOGLE MAPS? – SPATIAL PRACTICES  
OF 8TH GRADE STUDENTS IN A COMPUTER CLASSROOM*

*LO QUE VEN EN GOOGLE MAPS? – PRÁCTICAS ESPACIALES  
DE ESTUDIANTES DE 8º GRADO EN UN AULA DE  
INFORMÁTICA*

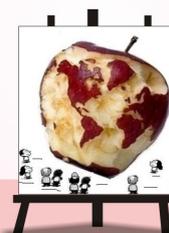
**Tânia Seneme do Canto**

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) - Uberaba/MG  
taniacanto@gmail.com

## Resumo

O presente trabalho visa contribuir com as pesquisas no campo da cartografia escolar que procuram, por meio de estudos sobre a cultura, construir currículos que se comuniquem com as práticas espaciais dos jovens que frequentam atualmente o ensino fundamental. Para tanto, apresentamos uma leitura sobre o que estudantes do 8º ano de uma escola pública de tempo integral vêem no Google Maps durante uma aula da oficina de informática. O interesse nesta questão fundamenta-se em duas necessidades. Primeiro, pensamos que só seremos capazes de lidar com novos currículos de cartografia se entendermos quem é o verdadeiro sujeito sentando na sala de aula hoje e como suas experiências espaciais são formuladas na cultura contemporânea. Em segundo lugar, acreditamos que há uma urgente necessidade em analisar os impactos destas novas tecnologias na capacidade das pessoas compreenderem e imaginarem o espaço, considerando seus diferentes modos e contextos de uso. Assim, organizados em grupos, as conversas e interações que os estudantes estabeleceram com o portal de mapeamento foram gravadas por meio de um aplicativo de captura de som e imagem instalado no computador. Os resultados destas interações são discutidos aqui com base nas ideias de autores como Bill Green e Chris Bigum (1995), Jörn Seemann (2007), Wenceslao de Oliveira Jr (2009) e Paul Kingsbury e John Paul Jones (2009).

**Palavras-chave:** Currículo, novas tecnologias e cartografia escolar.



O mundo é o que pensamos...

### Abstract

The present work aims to contribute to researches in school cartography field which, using studies on culture, seeks to build curricula that communicate with the spatial practices of young people currently attending elementary school. Therefore, we present an interpretation of what 8th grade students from a full-time public school see on Google Maps during a computer class. The interest in this question is based on two requirements. First, we think that we will only be able to deal with new cartography curricula if we understand the real subject sitting in classroom today and how their spatial experiences are formulated in contemporary culture. Secondly, we believe that there is an urgent need to analyze the impacts of these new technologies on people's ability to understand and imagine space, considering their different modes and contexts of use. Thus, organized into groups, the dialogues and interactions established by the students with the mapping portal were recorded by a sound and image capture software. The results of these interactions are discussed based on the ideas of authors like Bill Green and Chris Bigum (1995), Jörn Seemann (2007), Wenceslao de Oliveira Jr (2009) and Paul Kingsbury and John Paul Jones (2009).

**Keywords:** Curriculum, new technologies and school mapping.

### Abstracto

El presente trabajo tiene como objetivo contribuir a las investigaciones en el campo de la cartografía escolar que, utilizando los estudios sobre la cultura, pretende construir currículos que se comunican con las prácticas espaciales de los jóvenes que actualmente asisten a la escuela primaria. Por lo tanto, se presenta una interpretación de lo que los estudiantes de 8º grado de una escuela pública de tiempo completo ven en Google Maps durante una clase de computación. El interés en esta cuestión se basa en dos requisitos. En primer lugar, pensamos que sólo seremos capaces de abordar nuevos currículos de cartografía si entendemos quiénes es el verdadero sujeto sentado en el aula de hoy y cómo se formulan sus experiencias espaciales en la cultura contemporánea. En segundo lugar, creemos que hay una necesidad urgente de analizar el impacto de estas nuevas tecnologías en la capacidad de las personas entender e imaginar el espacio, teniendo en cuenta sus diferentes modalidades y contextos de uso. Por lo tanto, organizados en grupos, los diálogos y interacciones establecidas por los estudiantes con el portal de mapeo fueron grabados por un software de captura de sonido e imagen. Los resultados de estas interacciones se discuten en base a las ideas de autores como Bill Green y Chris Bigum (1995), Jörn Seemann (2007), Wenceslao de Oliveira Jr. (2009) y Paul Kingsbury y John Paul Jones (2009).

**Palabras clave:** Currículo, nuevas tecnologías y cartografía escolar.

## Introdução

Na edição nº 40, 2009, do periódico internacional Geoforum, os autores Martin Dodge e Chris Perkins apresentam na epígrafe do editorialum excerto do livro “Waysof Seeing”, de John Berger (1972) para introduzir os leitores na principal questão que motivou a publicação: os modos de ver engendrados pelas novas tecnologias geoespaciais, mais especificamente, aquelas que utilizam imagens de satélite de alta resolução, e seus desdobramentos culturais e políticos. O trecho citado do livro trata do significado do ato de ver, ao expor que “Weonlyseewhatwe look at. To look is an act of choice... We never look at just one thing; we are always looking at the relation between things and ourselves.”(Berger, 1972, p. 8-9 apud Dodge e Perkins, 2009, p. 497). Baseado nesta passagem, o presente trabalho busca entender o que estudantes do 8º ano de uma escola da rede estadual (Estado de São Paulo) vêem no Google Maps (GM) durante uma oficina de informática. Com isso, nosso objetivo é contribuir com as pesquisas no campo da cartografia escolar que procuram, por meio de estudos sobre a cultura, construir currículos que se comuniquem com as práticas espaciais dos jovens que atualmente cursam o ensino fundamental.

Para este fim, apresentamos aqui uma interpretação sobre o que estes jovens resolvem olhar, isto é, as relações que enxergam entre eles e as coisas, quando acessam um dos mais populares portais de mapeamento da web. O interesse nesta questão fundamenta-se em duas necessidades, principalmente. Primeiro, pensamos que só seremos capazes de lidar com novos currículos de cartografia se entendermos quem é o verdadeiro sujeito sentando na sala de aula hoje e, especialmente, como suas experiências espaciais são formuladas na cultura contemporânea. Em segundo lugar, acreditamos que há uma urgente necessidade em analisar os impactos destas novas tecnologias na capacidade das pessoas compreenderem e imaginarem o espaço, considerando seus diferentes modos e contextos de uso.

Buscando encontrar algumas pistas que nos permitam, em alguma medida, responder estas questões, desenvolvemos uma série de aulas em que alunos do 8º ano do ensino fundamental (idades entre 13 a 14 anos) foram requisitados a interagir com o programa Google Maps através do único computador com a acesso a Internet disponível no laboratório de informática da escola. Organizados em grupos, suas conversas e interações com o GM foram gravadas por meio de um aplicativo de captura de som e imagem instalado no equipamento. Os resultados destas interações são discutidos neste trabalho com base nas ideias de autores como Bill Green e Chris Bigum (1995), Jörn Seemann (2007), Wenceslao de Oliveira Jr (2009) e Paul Kingsbury e John Paul Jones (2009).

## Currículo, Cartografia e Alienígenas

Em texto intitulado “Alienígenas na sala de aula”, Green e Bigum (1995) trabalham com a ideia de que na atualidade um novo tipo de estudante, com novas capacidades e necessidades, está emergindo nos bancos escolares. Radicalmente diferente das gerações anteriores, este novo estudante é atravessado por práticas, experiências, identidades e discursos que remetem a um contexto específico no qual a tecnologia, os meios de comunicação de massa e a subjetividade convergem, dando origem a novas formas de vida. Formas de vida que, segundo eles, para serem melhor compreendidas, talvez, precisem ser pensadas e imaginadas como ficções, as quais permitem narrar o mais fantástico e o mais absurdo das complexas relações vividas e construídas na contemporaneidade.

Desse modo, ao perguntar se “existem alienígenas em nossas salas de aula”, os autores apontam para as diferenças profundas que se colocam entre as gerações que se encontram na sala de aula e seus respectivos contextos sociais e culturais. Se, são os professores, e seu tempo, ou os alunos, e seu tempo, os seres extraterrenos que habitam a escola, não importa. A questão central é que um é estranho ao outro e com isso aqueles elementos que pareciam ser a base de qualquer ensino e qualquer currículo se tornam agora incertos.

Frente a estes desencontros e a uma subjetividade totalmente nova, constituída nas e pelas mediações pós-modernas<sup>1</sup>, o campo de pesquisa em educação tem buscado expandir suas perspectivas teóricas para melhor entender os desdobramentos que o cenário cultural e educacional mais amplo tem para o currículo e para a instituição escolar. A própria concepção, presente nas teorias curriculares mais recentes (Silva, 2007), de que cultura é currículo - pois ela está sempre a nos ensinar algo - e currículo é cultura - pois põe em jogo o modo de ser e pensar das pessoas - implica na constatação feita por Green e Bigum de que uma nova relação entre a escolarização, a mídia e as novas tecnologias, está sendo construída. Conforme afirmam:

É que não se trata apenas da crescente penetração da mídia no processo de escolarização, mas também, de forma mais geral, da importância da mídia e da cultura da informação para a escolarização e para as formas cambiantes de currículo e alfabetismo, com todos os problemas e possibilidades daí decorrentes. (GREEN e BIGUM, 1995, p. 214).

O interesse em conhecer o que os jovens vêem no Google Maps pauta-se

1 O termo pós-moderno no texto de Green e Bigum faz referência aos processos de formação de identidade atuais que se dão “[...] a partir do nexos entre a cultura juvenil e o complexo crescentemente global da mídia [...]” (Green e Bigum, 2009, p. 214). Para tratar deste fenômeno os autores também se apóiam em Hayles (1990), para quem o pós-modernismo cultural é entendido como a “compreensão de que aqueles elementos que sempre foram pensados como sendo os componentes invariantes essenciais da experiência humana não são fatos naturais da vida, mas construções sociais” (Hayles, 1990, p. 265 apud Green e Bigum, 1995, p. 215).

justamente nas possíveis relações que podemos estabelecer entre currículo e cultura no mundo contemporâneo, mais especificamente no campo da cartografia e geografia escolar. Na medida em que, como pensa Oliveira Jr. (2009, p. 18, 23), “as imagens são parte cada vez mais intensa da multiplicidade que compõe o espaço atual” e, por isso, são responsáveis por uma quantidade significativa “dos conhecimentos e dos saberes - das memórias - que temos dos lugares”, as interações dos estudantes com as imagens veiculadas pelo GM talvez possam nos revelar um pouco sobre as espacialidades vividas por esta nova geração. Desse modo, quem sabe, também não seremos capazes de desenvolver currículos baseados em uma cartografia mais consonante com o espírito destes novos tempos?

Para tanto, a interpretação que buscamos fazer daquilo que os alunos do 8º ano decidem olhar ao acessarem o portal de mapeamento não pode se basear em formulações e perspectivas deterministas sobre os modos de ver que emergem com as novas tecnologias, em geral, e as geoespaciais. Como defendem Kingsbury e Jones (2009), em texto intitulado “Walter Benjamin’s Dionysian Adventures on Google Earth”, tais tecnologias não são apenas compostas de controle, racionalidade e ordem. Existe também algo de dionisíaco nelas que permite excessos, imprevisto e desordem, isto é, “a projectio no fanun certain orbs pangled with vertiginous paranoia, frenzied navigation, jubilatory dissolution, and intoxicating giddiness” (2009, p. 503). Assim, conforme pensam os autores, é necessário considerar as múltiplas formas e contextos de uso que as envolvem.

Nesta perspectiva, a leitura que apresentamos neste trabalho visa destacar a diversidade destes usos por jovens em processo de escolarização na contemporaneidade, considerando as práticas espaciais que são possíveis de ser experienciadas por eles através do GM. Como mostraremos, a partir de uma aula em que os alunos foram convidados pela professora para intervir no programa, deixando uma marca sobre um dos locais mapeados, os mesmos fizeram várias escolhas que os levaram a ver, repetir e jogar.

Cada uma destas práticas (*ver, repetir e jogar*) é narrada a seguir por uma espécie de tiras de Histórias em Quadrinhos (HQ) criadas com as falas - dos alunos - e imagens - do Google Maps- capturadas pelo computador que os alunos utilizavam para acessar o portal de mapeamento. Desse modo, tentamos apresentar o que eles veem no GM a partir de uma linguagem inventada, principalmente, para contar ficções.

## “Eles se veem”



Esta primeira tirinha apresenta uma das práticas espaciais mais comuns entre os alunos que acessaram o GM. Ao visualizarem as imagens e mapas veiculados pelo programa, a primeira coisa que vários estudantes resolveram olhar foram os espaços de suas experiências cotidianas, os lugares vividos corporalmente por eles. Alguns buscaram suas casas, outros as cidades em que já moraram e, outros, como é o caso dos personagens envolvidos na história acima, quiseram ver a escola em que passavam o dia.

Esta escola funciona em tempo integral. No período da manhã e no período da tarde, as aulas se revezam entre aquelas das disciplinas básicas do currículo e outras criadas no formato de oficinas. Apesar de terem um currículo mais diversificado, que contempla aulas de informática, por exemplo, os alunos sentem em vários momentos como se estivessem em uma escola-cadeia, pois ao longo do dia não sobra muito tempo para realizarem outras atividades que gostariam. Desse modo, ao procurarem no mapa a escola em que estudavam os alunos não só encontraram um objeto do espaço, como enxergaram a si próprios.

Para Seemann (2007, p. 18) esta é uma característica importante da linguagem cartográfica, a possibilidade de criar diálogos entre o espaço e o lugar. Segundo ele, “maps are dialogues with space and place” e quando conseguimos estabelecer uma relação com eles, “when we can find ourselves in the map”, o mesmo se torna parte de nós, parte de nossa biografia, de nossa memória. Combinando, de forma dinâmica, mapas de diferentes escalas com imagens de satélite de alta resolução, as quais, assim como as fotografias aéreas, guardam “forte verossimilhança com o território percorrido diariamente pelos alunos” (Cazetta, 2007, s/p), a capacidade de o GM promover este diálogo torna-se ainda mais potente, permitindo que estes novos estudantes tracem, com a mesma fluidez das experiências desta época, suas cartografias pessoais.

### “Eles repetem”



Esta segunda tira faz alusão a uma prática espacial muito relacionada com a cultura de massa e as visões de mundo e dos lugares que a mesma reproduz. *Repetir* o que viram em um filme, na TV, na web ou no jornal, foi em muitas situações a forma

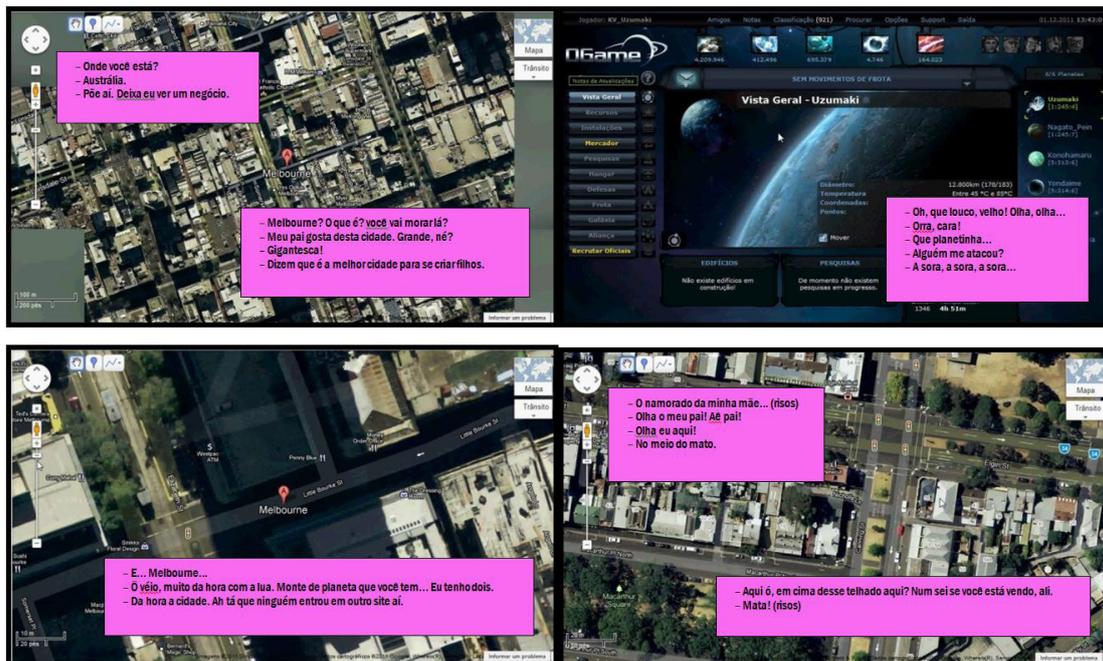
que os alunos encontraram para interagir com o GM. Conforme podemos notar na história acima, apesar de buscarem um lugar “original” para deixarem sua marca, as personagens desta HQ repetiram a geografia de Madagascar que assistiram em um filme, como se ela fosse a realidade. Domesmo modo, ao manipularem o programa, permaneceram a olhar sempre a mesma imagem do mundo, como se esta fosse a única possibilidade de vê-lo.

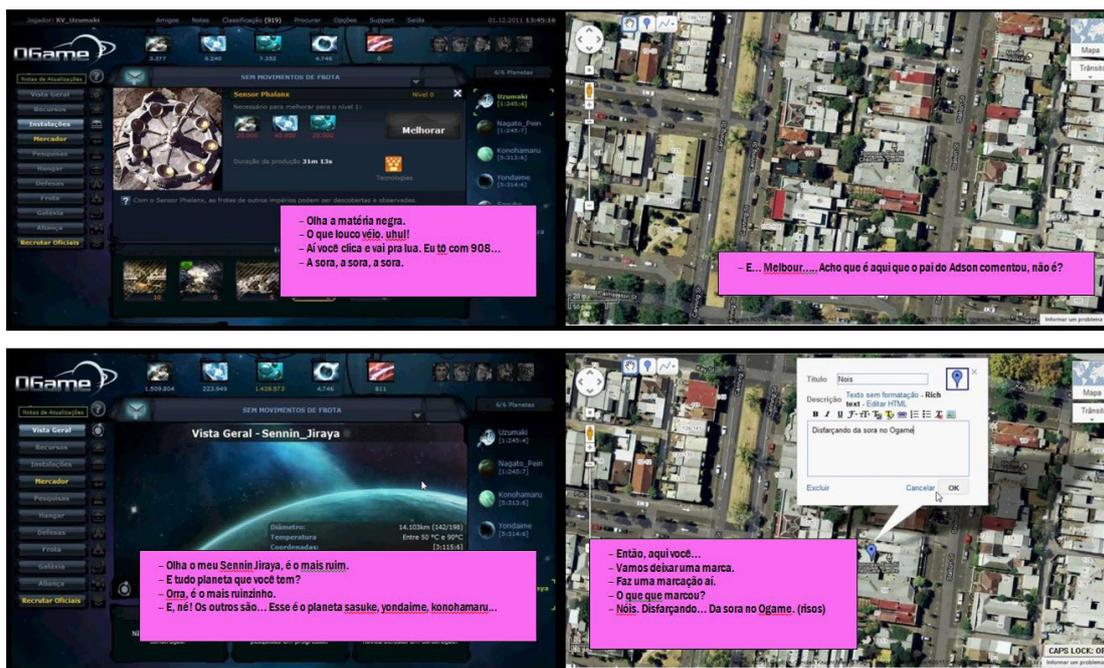
Para Oliveira Jr (2009), as imagens em nossa cultura têm uma aura de verdade. Sejam elas encontradas em materiais didáticos, filmes, álbuns fotográficos, jornais ou no GM. No entanto, as imagens não são o espaço, mas sim uma forma de grafá-lo, isto é, uma forma de fazer ver o espaço a partir da perspectiva que nos dão. Diante disso, como explica o autor, elas acabam nos ensinando a perceber e conceber a realidade da sua própria maneira.

(As imagens) Buscam gestar e perpetuar uma maneira de imaginar o espaço. Nessa busca, elas também estão produzindo formas não só de imaginar o real, mas também de percebê-lo e concebê-lo. Elas nos educam o olho para ver sob determinada maneira e nessa esteira vão produzindo nossas memórias e as formas da nossa imaginação do real. (OLIVEIRA JR, 2009, p. 20).

Desse modo, pode-se dizer que o que as alunas viram e repetiram não foi apenas a perspectiva que encontraram no filme e no GM, mas sim a realidade lembrada e imaginada por elas.

## “Eles jogam”





A história contada nesta tira apresenta uma das práticas mais inusitadas e reveladoras que os alunos realizaram com o GM. A partir dela pudemos compreender um pouco mais sobre como o novo contexto cultural, fundado no espaço-tempo das redes, formular as práticas e experiências espaciais da nova geração de estudantes. Como é possível perceber, os personagens desta HQ *jogam* o tempo todo. Navegando pelas imagens de satélite de alta resolução, que mostram em detalhes o território da cidade de Melbourne (Austrália), eles jogam com os objetos representados, inventando identidades para as pessoas que aparecem nas imagens e, jogam com a própria professora, ao tentarem disfarçar dela o que realmente estavam fazendo no computador: acessando o OGAME, um jogo virtual de conquista do universo.

A transitoriedade e instantaneidade da web lhes permitem estar em vários lugares ao mesmo tempo e brincar com suas identidades. E, o GM ajuda nesta tarefa ao servir de interface entre o que acontece na sala de informática e o que eles fazem na internet, bem como entre o que são em cada um destes ambientes. Desse modo, como coloca Kingsbury e Jones (2009), esta tecnologia pode oferecer muito mais que um componente de controle e vigilância. Radicalmente oposto a este caráter, o GM pode ser também um *espaço poroso*<sup>2</sup>, permeável pela brincadeira, o jogo e a aventura.

## Considerações Finais

O presente trabalho buscou identificar os modos de ver que os novos estudantes

2 A ideia de espaço poroso baseia-se no conceito “porosityofspace”, cunhado por Benjamin para abordar a mistura do espaço público e privado em texto denominado “Naples”. Em Kingsbury e Jones, o termo é utilizado para tratar das práticas dionisíacas realizadas com o Google Earth: “As in the streetsof Naples, Google Earth provides ample opportunities for improvisation andunplanned movement.” (Kingsbury e Jones, 2009, p. 504).

colocam em prática ao interagirem com uma tecnologia que grafa o espaço de uma forma também recente. Fluido, dinâmico, interativo e plástico, de que maneira o Google Maps faz os jovens mirar o mundo? Em nossa interpretação esta maneira não se esgota em apenas uma possibilidade. São várias as formas de ver e imaginar o espaço com o GM e cada uma delas nos revela uma espacialidade própria da contemporaneidade.

Nesse contexto, pensar em um currículo de cartografia para os tempos atuais, que se comunique com as práticas espaciais da ova geração que surge em nossas salas de aula, não se trata de prescrever novos temas, novos mapas e novas tecnologias para o ensino. Trata-se, principalmente, de permitir que, diante das incertezas desta época, aqueles sujeitos que a vivem mais intensamente expressem e criem suas cartografias.

## Referências

CAZETTA, Valéria. Práticas educativas com fotografias aéreas verticais em uma pesquisa colaborativa. *Biblio 3W - Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. XII, n. 713, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-713.htm>>. Acesso em: jan. 2013.

DODGE, Martin; PERKINS, Chris. The 'view from nowhere'? Spatial politics and cultural significance of high-resolution satellite imagery. *Geoforum*, v. 40, n. 4, p. 497-501, jul. 2009.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 208-243.

KINGSBURY, Paul; JONES III, John Paul. Walter Benjamin's Dionysian Adventures on Google Earth. *Geoforum*, v. 40, n. 4, p. 502-513, jul. 2009.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos - Rumo a geografias menores. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set/dez. 2009.

SEEMANN, Jörn. My place on the map: on sentimental cartographies, experience of place, and spatial biographies. *You are here*, Tucson, v. 9, p. 18-20, summer 2007. Disponível em: <<http://www.academia.edu/187814/>> Acesso em: nov. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.

**Trabalho Enviado em 06/03/2014**

**Trabalho Aceito em 06/04/2014**